

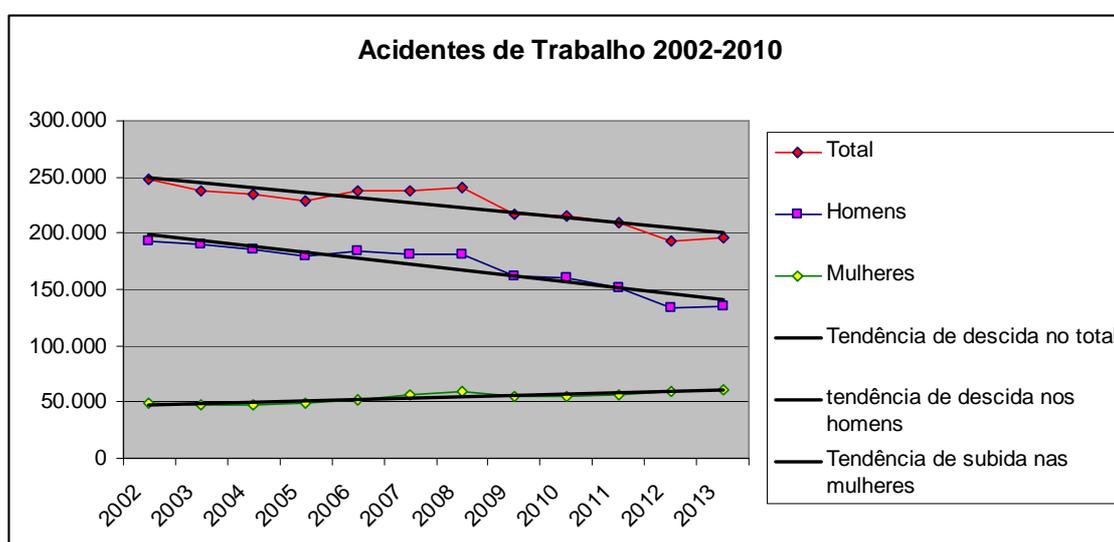
## Quando a Sinistralidade Laboral é um factor de desigualdade de género!

Entre 2002 e 2013, o número de acidentes de trabalho nas mulheres subiu 22,2%. Nos homens a tendência é de descida, nas mulheres é de subida. O que faz tais tendências serem tão divergentes? A precariedade? A desregulação do tempo de trabalho? A pressão psicológica? O desequilíbrio na conciliação trabalho/vida privada?

## A Segurança e a Saúde no trabalho são um factor de Igualdade! Quando garantidas!

Numa sociedade cada vez mais desigual, na qual as diferenças são cada vez maiores, até na esperança média de vida de cada classe profissional, como o comprovam estudos mais recentes. Também na sinistralidade laboral a desigualdade se agrava. O drama da desigualdade entre homens e mulheres, na sinistralidade laboral, tem-se vindo a agravar, como comprovam os dados divulgados nos relatórios do GEP (Gabinete de Estratégia e Planeamento) do MESS (Ministério da Solidariedade, Emprego e Segurança Social, agora MTSS – Ministério do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social).

Efectivamente, se é verdade que, ao longo das ultimas duas décadas, muito se evoluiu em matéria de combate aos acidentes de trabalho, também não deixa de ser verdade que este combate se revelou mais vantajoso para os homens do que para as mulheres.



Como comprova o gráfico que aqui representamos, as tendências estatísticas do número de acidentes de trabalho, mostram uma divergência profunda, quando abordadas à luz do género sexual. Como é facilmente observável, se as linhas relativas ao total de acidentes, e aos acidentes sofridos por homens, no período estudado, revelam uma pronunciada tendência de descida, o que será de saudar, não deixa também de saltar à vista a divergência quanto à situação das mulheres, apresentando uma tendência de subida, mesmo que pouco pronunciada. Nesse sentido será seguro afirmar que: **as mulheres sofrem cada vez mais acidentes de**

## **trabalho. As mulheres são discriminadas em matéria de combate aos acidentes de trabalho!**

	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Total	248.097	237.222	234.109	228.884	237.392	237.409	240.018	217.393	215.632	209.183	193.611	195.578
Homens	192.989	189.473	185.812	180.107	184.764	181.693	181.328	162.315	160.616	152.187	134.225	134.882
Mulheres	49.668	47.180	48.071	48.540	52.628	55.716	58.690	55.078	55.016	56.996	59.386	60.696

**Dados retirados de:** Séries estatísticas de acidentes de Trabalho do GEP do MSESS e Relatório Estatístico de acidentes de trabalho de 2013 do GEP do MSESS

Para que não subsistam dúvidas, os números revelados nas séries estatísticas do GEP do MSESS (agora MTSSS), revelam que, entre 2002 e 2013, as mulheres passaram de 49.668 acidentes de trabalho oficiais, para 60.696. Ou seja, mais 11.028 mulheres.

Considerando a dimensão da sinistralidade por acidente de trabalho nas mulheres, este valor não é nada desprezável, uma vez que revela uma subida de 22,2% no número de acidentes em relação ao ano de 2002. E tal sucede mesmo atravessando-se um período temporal (2008 a 2014) em que o desemprego subiu e afectou, de forma geral, mais as mulheres do que os homens.

Se o facto de este número nos dever fazer pensar, uma vez que se tratam de vidas humanas, também devemos procurar identificar as razões para uma tendência tão divergente e desigual, entre homens e mulheres. Nesse sentido, comprova-se, uma vez mais, a pertinência da qualidade das condições de trabalho enquanto factor de igualdade entre as pessoas.

E não estamos aqui a considerar a problemática das doenças profissionais, cujos poucos dados disponíveis revelam que as mulheres também sofrem mais com este problema. As mulheres tornaram-se o parente pobre do combate à sinistralidade laboral. E porquê?

Assim, que razões podemos adiantar que expliquem uma divergência deste tipo, impedindo-nos de celebrar a evolução que, à partida, a evolução dos números totais poderia indiciar?

### **Que razões para um aumento do número de acidentes nas mulheres?**

Entre outras, apontamos para:

- A precariedade laboral que afecta as actividades muito caracterizadas pelo recurso de mão-de-obra feminina

Por exemplo, o Pessoal dos serviços, passou de 20.385 acidentes em 2002, para 36.359. Numa subida de mais de 80%.

Ora, como se sabe, estamos a falar de actividades ligadas à grande distribuição, *call centers*, prestação de serviços às empresas (limpezas, etc.) que são, em grande parte, efectuadas por mulheres e nas quais a precariedade dos vínculos laborais é enorme.

➤ A desregulação do tempo de trabalho

As actividades atrás caracterizadas, apresentam esquemas cada vez mais desregulados de organização do tempo de trabalho, seja por recurso ao tempo-parcial, aos bancos de horas, às horas extraordinárias excessivas, e ao trabalho por turnos rotativos.

Efectivamente, em toda a Europa, a modalidade contratual que mais tem contribuído para o aumento da sinistralidade nas mulheres é, precisamente, o recurso indiscriminado ao contrato a tempo parcial.

➤ O desequilíbrio na conciliação trabalho/vida privada

Este desequilíbrio afecta inúmeras dimensões da vida humana, ainda para mais das mulheres, considerando e adicionando a sobrecarga de tarefas domésticas que “culturalmente” lhes cabe. Mas afecta também o sono e a qualidade com que estas mulheres recuperam dos eu cansaço, ou a própria alimentação, levando-as a alimentar-se de forma errante e muitas vezes errada, situação agravada pelos baixos salários também praticados nos sectores que mais recorrem à mão-de-obra feminina.

A forma como o trabalho afecta o nosso ciclo circadiano tem sido objecto de inúmeros estudos, aparecendo muitas vezes como causa directa ou indirecta de doença física e psíquica crónicas.

Por outro lado, devemos adicionar a toda esta carga, a dificuldade crescente na manutenção e estabelecimento de relações sociais com amigos e familiares, ou de tempo de repouso e lazer, tão indispensável ao nosso equilíbrio.

➤ A pressão psicológica crescente nos locais de trabalho

Com a crise económica e o desemprego a servirem de arma de arremesso contra os trabalhadores, as situações de ansiedade, depressão e esgotamento nervoso, relacionadas com o trabalho, têm sido apontadas como um dos principais riscos profissionais emergentes, da nossa era.

Não é apenas o assédio moral, a violência moral e todas as formas de agressão psicológica. É a própria pressão e stresse resultante de uma relação de trabalho cada vez mais intensa e exigente, característica de sectores ligados aos serviços.

### **Um caldeirão efervescente de possibilidades de acidente**

As situações relatadas tendem a promover um estado mental de grande tensão e ansiedade, potenciador de situações de desconcentração, desatenção e fadiga extrema, que podem, por si só, resultar em acidentes e outros sinistros laborais.

A contribuição destes factores para a sinistralidade laboral está profundamente estudada e descrita em muita bibliografia publicada. Toda esta situação, mais uma vez, comprova que algo de muito errado subsiste no que o mundo académico e tecnocrático entende apelidar – e mal – de “novas formas de organização do trabalho”, cada vez mais economicistas e desumanas.

A Segurança e Saúde no Trabalho têm um papel fundamental a desempenhar na humanização do trabalho, mas não só, sendo a sua contribuição igualmente fundamental para dimensão Igualdade de Género, tantas vezes tão desconsiderada e subvalorizada.

***Quando dissermos, novamente, que os acidentes de trabalho têm descido, coloquemos um asterisco na expressão, dizendo: Têm descido, apenas, para os homens!***

*por Hugo Dionísio  
Departamento de SST da CGTP-IN*